A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 65 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO *ilustrado*

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

O terrivel desastre do Mondego

A morte do distincto "sportsman" dr. Antonio Mariano Goulart, ao pilotar o "hydro-glisseur" da sua invenção. São salvos a custo os seus companheiros.

VER DENTRO: Sensacional reportagem sobre a morte de MARIA ALVES
COMO ERAM AS JOIAS CONVERSA SENSACIONAL COM

O DOMINGO ilustrado
ANO II — N.º 65
LISBOA 11 DE ABRIL DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

O caso misterioso do assassinato da actriz Maria Alves tem trazido á supuração, nos jornais, e nas conversas, aquela dose de esperteza com que todos nós, individualmente nos julgamos dotados e que negamos sistematicamente nos outros.

Ao sabor das simpatias ou das antipatias de cada um, formam-se as mais variadas opiniões, surgem os mais contraditorios depoimentos.

Ha já em tudo isto um resaibo de cine-drama, com «taxis» misteriosos lançados em velocidades vertiginosas, outros parados á porta de leitarias de tresnoitados, copos de leite com aguardente a fazer de narcotico poderoso e «chauffeurs» entrevistados na grande imprensa.

De positivo ha isto: a morte da actriz e o desaparecimento das joias e do casaco de pêles que levava. Mas de que até hoje haja só isto é que ninguem se quere convencer e vá de forjar romance sobre romance, novela atraz de novela, o que desorienta a policia e lança o publico em desconfiança permanente.

Ora, meus senhores, eu entendo que o melhor serviço que podemos prestar a nós proprios e á nossa curiosidade, é esperarmos que a policia actue, livre das sugestões de fantasistas.

Boa ou má, nós temos uma policia de investigação, que bem vistas as coisas não é das piores. Eu penso, portanto, que não recebendo eu, mas os respectivos agentes, ordenado ou lá o que é, para me ocupar destes casos, é a eles que compete deslindar o assunto e levar ao tribunal, carregados de provas, os criminosos. Se eu não me preocupo em procurar os motivos por que, dias depois da morte de Maria Alves, foi encontrado na linha ferrea, horrivelmente decapitado, o cadaver dum rapaz, porque me hei-de consumir a construir hipoteses sobre o crime do Regueirão dos Anjos?

Envolvo na mesma repugnancia o crime e o escandalo que se faz em volta da pobre mulher, que a estas horas apodrece tranquilamente no jazigo dos artistas, no cemiterio dos Prazeres. Desejo e quero o castigo inexoravel de quem matou, mas não deixo tambem de me revoltar contra quem levianamente aventa hipoteses mais ou menos absurdas e ainda e principalmente contra quem, tendo um elemento que possa contribuir para a descoberta dos criminosos, comodamente se deixe ficar em casa, com receio de meter-se em trabalhos ou com mêdo de que sobre si recaia qualquer vingança anonima e misteriosa.

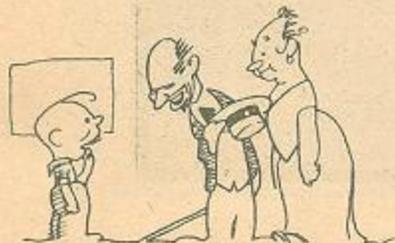
Tudo se resume em não exercer pressões sobre a opinião publica e em facultar á policia elementos certos. Invenções, fantasias, boatos espalhados nas palestras de momento só servem para afastar o momento, do castigo, por que todos anceiamos.

Esqueçamo-nos, por um certo tempo, de que somos muito espertos!

Feliciano Santos

MÁ LINGUA

Por conveniencia de paginação, esta secção saí na pagina 5.

CURIOSIDADE NATURAL

—Zeca, esta é a tua nova ama...
—Tem leite de cabra ou de vaca?

O CRIME DO BAIRRO DE INGLATERRA

Uma conversa com uma manucure. Uma conversa com um detective.

Reportagem muito curiosa sobre a morte de Maria Alves

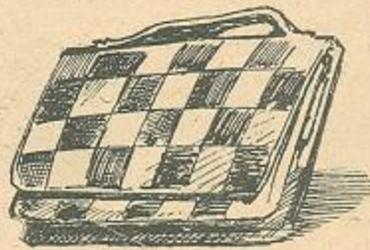
A' hora a que escrevemos, apesar do optimismo de alguns jornais, anunciando para breve a descoberta dos assassinos da desventurada actriz, nós estamos convencidos que a complicada meada não será resolvida inteiramente, em breve.

Acumulam-se determinadas provas contra o emprezario Sr. Augusto Gomes, procurando demonstrar que o «assassino logico» da pobre artista foi o seu antigo companheiro. Contra essa hypotese se levantam alguns dos que conhecem intimamente o emprezario do Apolo, julgando-o capáz dum acto violento e brutal, mas não dum cinico e frio assassinato, como aquele que victimou a gentil rapariga portuense.

Quiz o acaso que ouvissemos discretear sobre a morte de Maria Alves um velho e sabio policia, hoje arredado das lides do Governo Civil, mas ainda interessado sempre que um misterio surge.

Antes porém já nós, nesta missão jornalistica de trazer ao publico alguma coisa de interessante nestas conversas de «O Domingo», fizeramos um pouco policia por nossa conta:

Quem melhor do que a manucure de Maria Alves, pode informar sobre todos os detalhes da sua toilette?

Não esqueçamos que Maria Alves esteve na tarde do crime, no Golden Palace, a tratar das

A malinha, aos quadrados de pelica de côres, que levava a actriz no momento de ser morta.

unhas. Quer dizer houve uma mulher que esteve com ela uma hora!

Ora duas mulheres juntas uma hora nunca estão caladas! Decerto á gentil manucure do Golden «nada escaparia» da sua cliente, não só no respeitante á indumentaria como ás joias e aos seus pertences de mulher elegante. E é que não escapou! A curiosissima conversa que com ela entretivemos dá-nos particulares inéditos, sendo de lamentar que os agentes se não tivessem aindo lembrado de ir conversar com a simpatica empregada do Golden. Assim o primeiro pormenor que surge e é importantissimo, é este:

—E' falso que Maria Alves tivesse os aneis largos. Apesar de ter molhado as mãos em agua e sabão desfeito, eles não deslisaram nos dedos, nem os tirou, o que sucede muitas vezes a quem traz essas joias largas—elucida a manucure.

Está portanto arredada a hipotese de que os aneis sahiram com facilidade dos dedos da victima—sabido de mais a mais, que com qualquer geito violento os dedos nos incham sempre um pouco.

—E como era o feitio dessas joias?

—E' então a propria menina Leopoldina de Moraes que nos elucida em detalhe. Ela propria que toma o nosso lapis e desenha os croquis que corrigidos serviram para ilustrar estas palavras.

—Sim, reparei bem em toda a «toilette» da minha pobre freguesa. Trazia ao peito uma medalha—um camafeu ornado de brilhantes, grandes, que eu gabei e que de perto analisei. Nos dedos tinha 3 ou 4 grandes e bons aneis, assim, deste feitio...—e a nossa amavel interlocutora, desembaraçada, desenha sobre o papel. Alem disso reparei na malinha. Se a vir em qualquer parte reconhece-la-hei logo! Disse-me a D. Maria que a trouxera de Italia.

—E em que falaram durante o tratamento?

—Eu sei lá! De mil e uma coisas. Ao pé de nós estavam as actrizes do Eden, Ricardina Maia e Cezaria Henriques que são minhas freguesas. A D. Maria Alves estava bemdisposta. Ria-se, deu-lhes conselhos acerca do Brazil, e depois falou muito na filha e no seu futuro. Que ia para o Brazil, mas que a filha havia de ficar empregada, pois tinha habilitações para isso.

O anel com brilhantes e uma pedra escura.

—Notou-lhe alguma preocupação?

Nenhuma absolutamente. Veio acompanhada mas saiu só. Mas tarde cruzou, tambem só, em direcção ao Jardim do Regedor, a Avenida. Nós vimo-la daqui da porta da loja. Pareceunos sempre admiravelmente disposta.

E pode fornecer-nos alguns detalhes da «toilette» da sua freguesa? Decerto reparou...

—E' verdade... reparei. Nós somos mulheres. Olhe o casaco que era de «bison» escuro, era forrado de crépe «marrocain» castanho mais claro. A malinha, como já lhe disse de pelica de côres, aos quadradinhos...

—Optimo!—o resto sabemos nós.

—Não lhe notou a mais leve contrariedade?

—Não senhor! D. Maria Alves estava alegre e feliz quando esteve comigo e de certo não sonhava o que a esperaria nessa noite...

* * *

E' um velho policia que acede a falar para nós. São dele, absolutamente, as palavras que seguem. Pessoalmente nós estamos convencidos da inculpabilidade do sr. Augusto Gomes—embora convenhamos na importancia das suspeitas lançadas sobre o seu nome. E' esse mesmo o atraente misterio da morte de Maria Alves—crime que já hoje ocupa pelas correntes de opinião levantadas, um grande capitulo na historia da nossa criminologia:

—«Em primeiro lugar tem que ser posta de parte a ideia dum assalto premeditado por profissionais «gravateiros», os quais tivessem visto a entrega do dinheiro no Rocio.

Para isso seria precisa a coincidencia do encontro no Rocio, depois a perseguição atravez um longo trajecto, indo todos no mesmo electrico, ou os bandidos de automovel. Depois o abandono do carro e a liquidação com cumplicidade com o «chauffeur», numa hipotse, ou na outra a perseguição a pé, saindo do electrico antes da actriz. Depois o assalto em plena rua, tendo os homens tempo para tirarem pachorrentamente todas as joias, brincos de mola, colar e aneis, alem do comprometedor casaco de peles. Depois a sua corrida atravez das ruas, com esse casaco, ou a sua entrada em esconderijo proximo, o que seria maior coincidencia.

O anel com brilhantes e uma ametista

Uma coisa se pode desde já marcar: A cumplicidade dum automovel.

A actriz Maria Alves deve ter sido morta dentro dum vehiculo, durante o trajecto para a sua propria casa. Podia ter sido morta propositadamente; tudo leva a crer porem que o foi ocasionalmente. A sua asfixia não está bem determinada. Uma hipotese que é verosimil, e ainda não vi citada, é a seguinte: Maria Alves teria seguido para casa acompanhada, num auto. Teria havido uma scena violenta entre os dois: Ele oferecer-lhe-hia pancada: Ela preferiria gritar. O seu antagonista sufocára-a um pouco. Depois, vendo-a inanimada lançara-a á rua, de cumplicidade com o «chauffeur», ou até sem ela. Alguem, morando perto, passa, e vendo a victima caida, observa-a... e rouba-a. Havendo portanto, nesta hipotese dois crimes distinctos, e para os seus auctores, menos graves:

Um que roubou um morto. Outro que a rediu sem intenção de matar.

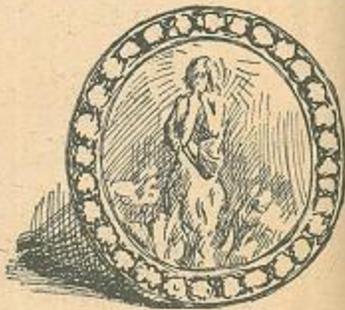
Repito, a hipotese do assalto ocasional na rua não é verosimil, porque:

1.º—a mancha de sangue indica queda violenta do corpo.

2.º—o sapato foi encontrado longe.

3.º—o local é muito iluminado.

4.º—o transito mesmo áquela hora não é pequeno.

5.º—Não se podia prever o regresso da actriz aquela hora; demais a mais tendo estado

A medalha de camafeu circundada de brilhantes

ha muito ausente no Porto, não era isso um habito permanente.

6.º—Não se podia prever que viesse só ou a pé.

7.º—O roubo do casaco de peles indica a qualidade do gatuno—os nossos gravateiros boçais não se arriscariam á condução dum objecto dessa natureza. Mas quando nenhuma destas rasões bastasse—um unico facto demonstra que não houve nenhuma precipitação ao despojar Maria Alves das joias: As suas orelhas não acusavam a mais leve beliscadura, nem sequer o vinco ou arranhão que faria o parafuso da mola ao ser arrastado sobre a pele.

As joias, portanto, ou foram tiradas dentro dum automovel por quem as conhecia, ou por quem podia, se viesse alguem, justificar a sua presença, proximo da mulher caida, como estando-lhe a prestar os primeiros socorros.

Um crime passional involuntario e um roubo vulgar—eis a minha hipotese!

Posso errar? De certo—tenho errado muitas vezes—mas tambem acertado ainda mais...

A verdade é sempre tão exquisita!...

HUMORISMO

crónica alegre

—QUEM poderá gabar-se de não ter, uma vez pelo menos, censurado nos outros, os seus defeitos proprios?

Quando vejo alguem, lamentar com insistencia qualquer defeito alheio, pormenorisando-lhe com todo o rigôr de traços, os inconvenientes e desvantagens, fico absolutamente convencido, de que tão exacto conhecimento, provém da experiencia propria. E quasi sempre assim é.

Ha por exemplo os moralistas, que se dedicam exclusivamente ao combate de todos os vicios, que já tiveram e muitas vezes, secretamente, ainda teem.

Ha os apostolos da verdade; mas da verdade... na boca dos outros; porque na deles já o proprio apostoládo é o carapetão inicial.

E, entre muitas outras, temos a classe dos que zelam pela pureza da lingua e não transigem com estrangeirismos que venham quebrar a uniformidade patriotica do seu idioma.

Devemos confessar, com efeito, que este mal—a invasão das linguas de fóra—é entre nós excessivo e dá logar a scenas na verdade lamentaveis.

O seu principal resultado, é o toparmos a cada passo com creaturas, que, mal sabendo falar a sua propria lingua, se metem a falar as linguas extranhas, centuplicando, por isso, n'estas, as tolices que normalmente proferem quando falam a sua.

Mais grave, e maior, é, porém, o abuso dos termos estrangeiros, nos generos, nos produtos, e nos proprios estabelecimentos que os fabricam e que os vendem.

O comerciantesinho então, péla-se por chamar nomes de fóra aos seus artigos. Nomes que o povinho não entenda e muitas vezes ele proprio tambem não.

Nas lojas de modas então é uma verdadeira prága.

Aí, perde-se, por vezes, a noção de que estamos em Portugal.

* * *

Ha tempos assisti a uma scena cujo relato bem demonstra os inconvenientes desta epidemia.

Havia num rez-do-chão da Avenida, um estabelecimento de modas, que nas varias taboletas, tinha entre outros os se-

guintes dizeres: *Robes et Manteaux pour bébés et fillettes*.

Tudo quanto ha de mais simples e inocente.

Pois um dia, assisti a uma grave complicação produzida por tão candida taboleta.

O chefe de uma familia regressada das hortas, onde decerto houvera fartas libações, discutia com a porteira do predio, teimoso, no proposito de penetrar com toda a oscilante familia no estabelecimento de modas do rez-do-chão.

Tinha visto na taboleta «*bébés et fillettes*» e ninguem já o convencia de que não se tratava dum estabelecimento de comes e bébes.

Por se não sentir ainda bem repleto dos copiosos manjares ingeridos fóra de portas, pretendia suprir ali as deficiencias do banquete.

E por isso, apezar dos argumentos da porteira, ele não desistia «*de provar os fillettes*».

Por vir com pressa não cheguei a ver o final do drama, mas calculo que pela tenacidade alcoolica de que estava armado o pretenso freguez ao estabelecimento de modas, aquilo não acabou tão cêdo, e, decerto acabou mal.

E como esta, quantas scenas, que com um pouco mais de patriotismo ou melhor, de amor á nossa lingua, se poderiam evitar!...

Lembro-me ainda d'outro caso que constitue outro argumento na defeza da necessaria campanha de saneamento do vocabulario.

—Esperava um electrico na Avenida na paragem da Praça da Alegria. Junto de mim uma mamã obesa e altamente irritáda, repreendia com aspereza uma das filhas, uma pequena esguia, uns desoito anos tristes e chorosos.

—Mas acredite mamã, alegava a pequena, tenho visto entrar para lá muitas senhoras como nós...

E olhava para uma pastelaria da esquina que dá pelo nome de «*Bijou des Gourmets*».

—Senhoras! Isso são lá senhoras! bradava a mãe. A menina sempre tem cada ideia! Ir lunchar a uma loja frequentada por marujos, por grumetes! Devem ser frescas as senhoras que lá vão; então não querem lá ver! O teu Pai logo em sabendo te dirá.

Não poude saber o que disse aquele Pai, mas avaliando pela cultura da mãe o nivel mental do resto da *familia*, aquela pequena por querer acamaradar com grumetes, viu-se decerto em embaraços, para se aguentar no balanço, produzido pela colera paterna.

* * *

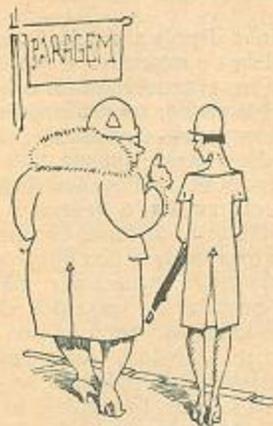
Emfim, por estes dois exemplos poderemos calcular o numero de tragedias que uma séria repressão dos estrangeirismos evitaria.

O meu aplauso portanto a tudo e todos que a tanto se proponham.

Excepção porém, para um Frei Tomaz que ha tempos encontrei e que, como tantos outros, censura, mas péca.

Foi na Pastelaria Ingleza. O aludido paladino da integridade da nossa lingua, tinha almoçado no 1.º andar e estava comprando uns bolos na loja.

Já o talão com que viera pagar á caixa e que ele amarfanhava nas indignadas mãos, lhe tinha provocado meia duzia de asperas censuras e de imprecações violentas.

E remoía ainda com azedume, por entre dentes, os termos escritos na factura. quando um freguez junto de nós pediu um prato de cakes e ginger-beer.

Então não se poude conter sem des-

abafar toda a sua indignação com a empregada que lhe pesava uns bolos sêcos:

—Esta praga dos estrangeirismos ha-de acabar. E' demais. Lá fóra na fachada tudo em inglez; cá dentro as contas é isto; Eggs, fruits, Wines, teas, coffees, ices, milkes; é um ginger-beer p'r'aqui uns cakes p'r'acolá, emfim nem parece que estamos em Portugal. E' uma verdadeira mania. Ah! é verdade menina, ha-de embrulhar meia duzia de madeleines. O quê não tem madeleines! Então uns brioches. Eu já tenho tido sérias discussões por causa dos estrangeirismos. Pois se as coisas teem os seus nomes em português para que lhe havemos de chamar nomes de fóra, ás vezes arrevezados, e muito mais feios do que os nossos. E nós. então que temos uma lingua tão rica, tão bem fornecida de vocabulos, para que havemos de ir buscá-los ás linguas dos outros. Olhe menina embrulhe-me tambem duas tablettes de chocolate; dessas sim. Eu então não transijo com o emprego de termos que são muito nossos; acho que é mesmo uma falta de patriotismo não falar exclusivamente o nosso idioma. Não admito uma dessas. E afinal esta tolice de pôr nomes extranhos a tudo, de não dar ás coisas os seus nomes verdadeiros, de empregar a cada passo no meio das conversas palavrões estrangeiros deselegantes e arrevezados porque é? Por snobismo, só por snobismo; sempre o maldito snobismo.

E saiu orgulhoso, solene e plenamente seguro do efeito formidavel das suas palavras.

AUGUSTO CUNHA

ERA IMPOSSIVEL

—O medico cá de cima salvou hoje uma pessoa da morte!
—E' impossivel!
—Vi eu! Puxou-a para o lado quando um automovel passava!

«ENCANTAMENTO»—Versos de Oliva Guerra.

Li, com verdadeiro encantamento, feito de curiosidade e de simpatia, o segundo livro de versos de Oliva Guerra, escritora de sólida cultura, que, no campo da crítica musical, goza de alta e bem merecida cotação.

Oliva Guerra deve estar cansada de receber aplausos, incitamento e protestos de admiração, a propósito da sua recente obra; os conhecidos adjectivos laudatórios devem já ter, para ela, um valor quási importuno, à força de familiares. Ser-me-hia agradável saber descobrir outras palavras menos gastas e mais equilibradamente justas para poder falar-lhe da sinceridade com que acredito na sua bela inteligência e no seu profundo sentido poetico. Mas, na impossibilidade de poder realizar êsse desejo, contento-me com dizer-lhe o seguinte: no seu livro, hà momentos de vibrante inspiração, de quente entusiasmo lírico,—momentos que lhe devem ter dado a infinita alegria de crer na sua vocação artística, e que são a prova real de que está bem apadrinhada na côrte das Musas e de Apolo...

A última parte do livro—mas principalmente o poemeto «Coimbra»—contem versos que voam muito alto e só não tocam nas estrelas e não se perdem no Infinito, porque descem de novo, para se demorarem, cantando em nossa memória, como extintas vozes de supremo encantamento. Essa parte final dá-me a certeza de que, pela exuberância do seu estro, pela riqueza de ritmos e ausência de serenidade lírica, Oliva Guerra é uma verdadeira poetisa romantica.

Nas primeiras páginas, hà sonetos de amor incontestavelmente valiosos, mas que se ressentem de sugestões muito próximas e do inevitável paralelo que sofrem, devido ao facto de parafrasearem idéas já modelarmente esculpidas em verso. No entanto, outros hà, já de caracter diferente, de conceitos muito originais e bem aproveitados. Os tercetos do poemeto «Primavera» devem satisfazer os críticos mais exigentes.

Oliva Guerra é, como já todos lhe teem dito, um valor muito apreciável, em nosso pequeno mundo literário feminino, um mundo onde hà a máxima vantagem em só consentir a entrada e a permanência a quem use por direito proprio o título que a autora do «Encantamento» tão bem merece: o raro título belíssimo de poetisa, «honoris causa»...

Tereza LEITÃO DE BARROS

Curiosidades

UM RECORD DE INFORMAÇÃO

«*Le Matin*», o grande diario parisiense bateu, recentemente, um record de informação absolutamente admiravel. A's trez horas e meia, da tarde em que Suzana Lenglen e Helena Wills disputaram, em Cannes, o campeonato mundial de «tennis», recebiam-se, na redacção de *Le Matin* algumas fotografias com aspectos da partida. Pois oito minutos depois estavam prontas as respectivas gravuras e o grande jornal fazia uma tiragem especial saciando a curiosidade de milhares de pessoas!

UMA LEI DA LAPÓNIA

Nos fins do seculo passado ainda vigorava na Lapónia uma curiosa lei favorecendo o extermínio dos ursos, qne tantos prejuizos causam aos lapónios. Essa lei estabelecia que todo aquele que matasse um urso—apresentando, como prova, a pele da fera—, tinha o direito de viver quinze dias separado da sua legitima mulher...

Se as esposas lapónicas são tão dificeis de suportar, admira que ainda haja ursos em tão frígidas paragens!

ÒDIOS ENTRE ANIMAIS

A dóninha, a maior inimiga dos ratos, tem no sapo o seu mais cruel adversario. Este, por seu turno, é odiado pela cobra e pela aranha... A aranha pode ter muitos inimigos, mas a sua sombra negra devem ser as vassouras... nas casas de gente aceada, é claro!

O PADRE VOADOR

Bartolomeu Dias de Gusmão, o português que devia ocupar um lugar primacial na história da Aviação, subiu aos ares, em certa máquina, no ano de 1709, perante a côrte portuguêsa e imenso povo. O seu aparelho tinha a forma de um pássaro, e era de complicada factura, supondo-se que nêle já eram aproveitadas algumas propriedades electricas e magnéticas. O inventor parece que veiu a morrer na maior miséria, num hospital de Sevilha.

JARDIM ARTIFICIAL

Nos meados do século passado, o Município de Paris, teve o mau gosto de tentar fazer em Batignolles, um jardim á inglesa, plantado de árvores de zinco envernizadas e carregadas de flores do mesmo metal. Magnólias, loureiros, acácias, roseiras, e muitas outras árvores e arbustos, deviam ser imitados com tôda a perfeição. Era um jardim de lavar e durar, florescente em todas as estações... Mas, afinal, foi «por agua abaixo», como qualquer jardim verdadeiro pode ir, apoz um dia de chuva!

RIQUEZAS DO MAR

O sal do Oceano é suficiente para cobrir 700 milhas quadradas de terra, numa camada cuja espessura fosse de uma milha.

Calcula-se que a agua dos oceanos contem em solução mais de dois milhões de toneládas de prata.

Das Cinzas à Quaresma

O último riso de Pierrot, em plena orgia carnavalesca, confunde-se com o tiiintar das campainhas, no instante de erguer a Deus, em plena Quaresma, o eterno «mea culpa, mea maxima culpa»... Quando quarta-feira de cinzas ainda mal está verdadeiramente reduzida a cinzas, começa a Quaresma, a hora vitoriosa das amendoas e das procissões. Era entre as Cinzas e a Pascoa que Lisboa assistia, desde há seculos, ao desfilar dos pálios e dos andores, sobre que se erguiam cada ano mais velhas, mais amarelas, mais crestadas pela fumarada dos círios, mais peladas e enrugadas—as imagens que vinham lançar ao povo a sua humilde benção cristã e receber do Sol uma triunfante benção pagã.

Durante centenas de anos, as procissões foram quasi o único divertimento da população lisboeta e nada menos de nove grandes cerimónias religiosas tinham por teatro as ruas da capital, desde as Cinzas aos principios de Agosto. A Lisboa burgueza e fidalga de 1600 ao meio do século de 1800, vestia-se de grande gala, logo ao entrar da Quaresma, para vêr passar irmandades e andores, e as colchas de damasco quasi não chegavam a sair das janelas onde punham uma nota de opulência, uma nota que não afinava bem com o scenário miserável e com os figurantes maltrapilhos.

Logo na quarta feira depois do dia Entrudo, saía da igreja de S. Francisco a procissão da Cinza, saiam a passeio as cinzas bentas que o povo venerava e que, apezar de sufocadas num cofre de prata, gritavam bem alto o nada dos terrenos prazeres e o terrivel «memento homo»...

Passava-se muito pouco tempo e logo numa quinta-feira, saia o Senhor dos Passos da Graça, para ir pernoitar, amigo constante e magnanimo, sob os tectos dos jezuitas de S. Roque. Durante mais de trezentos anos, o Senhor dos Passos, viajando quasi incognito dentro dum camarfm fechado, encaminhava os seus passos, pela tardinha, até á casa dos seus hospedeiros de um só dia.

Na tarde seguinte, já em plena apoteose popular, com o altar alvejado por moedas, cereais e flores, entre damascos novos e pendões de brocado, voltava para o alto da Graça, seguindo tortuosos itenerarios, de S. Roque ás Portas de Santa Catarina, Chiado, Calçada de Paio Novais, Rua dos Escudeiros, Rossio. S. Domingos, Rua Nova da Palma, Mouraria, Rua do Boi Formoso, Rua da Olliveira, Largo do Terreirinho, Calçada de Santo André... Calçada da Graça, da graça fresca d'estes nomes vélhinhos, pitorescos, indiscretos...

Oito dias depois, era a procissão dos Passos do Destêrro, á qual se seguia a do triunfo, que era uma das mais triunfantes...

Depois da da Anunciada—a que o grande terremoto pôs fim—, vinha a da Saude e a de S. Sebastião, entre opas azuis e brancas, balandraus vermelhos e murças castanhas, entre descantes e danças dos ciganos, dos foliões da Arruda e daquelas mulheres de Frielas de que fala Tolentino e eram peritas em certo baile mourisco a que chamavam «chacoina»:

> Em solene procissão
> Une a frieleira casta
> O fandango e a devoção...

Vinha depois a procíssão com P grande, a maior, a mais rica e fidalga, a mais plebea e miseravel, a que era corpo e alma de todas as procissões, aquela para que se reservavam os josèzinhos mais tafues, as fivelas de mais respeitavel tamanho, os mais provocantes sinaezinhos à franceza, os mais gigantescos toucados «à alemôa»... A Procissão do Corpo de Deus, de grande espectáculo, «feerie» que era tôda ela uma apoteose, onde entravam varias figuras alegoricas — como a serpente tentadora e o dragão—, onde apareciam gigantes, charamelas, o general S. Jorge no seu cavalo branco, seguido pelo seu alferes blindado de ferro, escoltado por negros com enormes trombetas, seguido por uma enviada de conegos, levando atraz o Patriarca sobre um pálio cujas varas eram seguras por mãos de Reis e de principes... Rodeando S. Jorge iam os pendões de «casa dos vinte e quatro», especie de sindicato a que pertanciam todos os operarios dos oficios de ferro e de fogo, estabelecido por alvará do rei D. João I. Além destes ofícios todos os outros iam representados na procissão, não faltando as regateiras, as vendedeiras de pescado e as padeiras da Cidade. Foram tais os pagodes e momices, folias, danças e chacotas a que a procissão serviu de pretexto, que D. João V se viu forçado a reformar a «mise-en-scène» dessa velha peça de grande espectaculo, que tinha lugar pontualmente, no dia em que, para os lisboetas terminava a primavera. O dia do «Corpo de Deus» era o único solstício de verão que a Igreja e o povo reconheciam.

As primeiras luminarias que se acenderam em Lisboa brilharam em noite do «Corpus Christi», por ordem do intendente Pina Manique, na epoca em que Bocage ripostava com graça aos motes semsaborões das secias.

Oito dias depois desta grande funçanata religiosa, saia da igreja dos Paulistas a procissão do Coração de Jesus e, finalmente, a 5 de Agosto, tinha lugar a procissão dos Ferrolhos, a que, precisamente, corria o ferrolho à quadra em que era de uso passear imagens e anjinhos.

Esta procissão saia, à meia noite, da igreja de Santo António, a caminho da Penha de França, acompanhada por irmãos que iam batendo aos ferrolhos das portas, para acordar alguma devoção adormecida...

Em Lisboa, pouco a pouco, as procissões foram-se perdendo pelas ruas do desinteresse e da falta de espirito tradicional.

Em compensação, aqui a dois passos, pelas ruas de Sevilha, Málaga, Toledo e Murcia, a alma popular da Espanha, alma pagã e mistica, sequiosa de sobrenatural e de sangue de touros, continua a chorar e a cantar ante as virgens da Esperança, da Macarena e de Triana, ante *Nuestro Padre Jesus del Gran Poder*, ante o malaguenho Cristo da Agonia, ante a «Dolorosa» de Murcia, que tôdas as mães espanholas adoram. Os nossos visinhos pensam que nada se perde em que o olhar húmido dum deus, de virgens, de martires e de santos, tente acordar primaveras ardentes nas almas, por estas tardes de primavera morna.

EXCENTRICIDADES DOS ANIMAIS

As rãs teem, como os camelos, a faculdade de armazenar humidade no corpo, podendo assim passar sem beber durante espaços de tempo a que não resistiriam outros animais.

As serpentes não sobem ás arvores enroscando-se nos troncos, mas agarrando-se com as escamas.

A SCIENCIA E O CRIME

A policia dos Estados Unidos usa, durante o interrogatório de certos presos, um aparelho de emprego frequente nos laboratorios de fisiologia, o qual serve para registar o número de pulsações ou por outras palavras, o ritmo circulatório do sangue.

E' do conhecimento scientífico que quando uma pessoa diz uma mentira grande, o pulsar do coração altera-se por reflexo nervoso, acelerando ou afrouxando a circulação do sangue.

Com a respiração, passa-se um caso semelhante: o funcionamento dos pulmões resente-se de maneira sensivel (que o aparelho regista), por mais impassível e sereno que o observado consiga mostrar-se.

POMBOS E AVIÕES

Recentemente, celebrou-se em Staten Island (Estados Unidos) um desafio originalissimo entre pombos e um aeroplano. O ponto de partida foi Miller e a meta era Washington. O avião venceu o pombo mais veloz, por diferença de uma hora e onze minutos.

O piloto do aeroplano e três dos pombos concorrentes levavam convites para alguns membros do Governo assistirem a uma kermesse de beneficência, em New-York.

A MANEIRA DE TOMAR REMEDIOS

O Dr. Schult da Escola Medica de Cristiania, apresentou á Academia do seu paiz, um trabalho, provando que os remedios tomados em jejum teem cem por cento do seu valor. Este trabalho foi distribuido por todas as Universidades Medicas do Mundo.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

Má língua

Pró Peniche

*Não acham que o que está acontecendo
é pouco, muito pouco em nosso abono?
E não lhes causa um desespero horrendo
ver Peniche votada ao abandono?*

*Em toda a parte,—ou seja, na Inglaterra
na França na Allemanha e em mais partes,—
se cuida a serio da feição da terra,
da cor tradicional, das bellas artes;*

*tudo o que marca, se conserva e trata
sem descuidos nem novos arrebiques;
sempre a Argentina hade alindar o Prata,
tal como a Hollanda hade limpar os diques;*

*é olhar a Inglaterra, a espertalhona
mãe-patria da humidade e do dinheiro,
a chocar os mysterios que ambiciona
acocorada á sombra do nevoeiro;*

*é ver a França a embonecar Paris!
(Tempo de verbo feio, e que por lá
constantemente no fallar se diz
...mas se conjuga menos do que cá.)*

*É ver, numa palavra, em todo o mundo
o cuidado o carinho, a devoção
com que se cerca de um amor profundo
tudo o que for um timbre da Nação.*

*Não resiste a madeira sem pintura,
nem o ferro sem ter alguem que o lixe;
associemo-nos pois a essa amargura
que alanceia os oriundos de Peniche.*

*Se alli se sente a crise piscatoria
que tanto tem crestado as nossas costas
não ha um «tubarão» de fama e gloria
que para lá despache algumas «postas»?...*

*E se o commercio se debate em ancia
numa crise de compras ou de vendas
será difficil, mesmo a tal distancia
tornar rendosas tão bonitas rendas?...*

*Veio uma comissão de penichenses
de variada cor, novos e velhos
buscar remedio ás plagas lisbonennses;
e, aqui tem incentivos e conselhos.*

*(Isto de comissões é coisa má;—
se o digo, podem crer, não e por troça,
é que os dois s s pedem c h
e a solução ás vezes dá uma coça;*

*tenham no entanto brio e persistencia
sem tergiversações mas sem arrancos,
—como quem no começo da existencia
semeasse pão para os cabelos brancos...)*

*Não se salva ninguem roendo as unhas;
os dentes devem ter outro destino...
Eia avante! (Com «cunhas» ou sem Cunhas
se o Leal foi para o Banco Ultramarino...)*

*Toca a salvar Peniche! Em caldos chilros
não se criam as carnes opulentas!
Vá! Sem desfallecer! E fora os bilros
que se tornem agulhas ferrugentas!*

*Não se fiem em dictos e dichotes.
Se em vez de amparo acharem só parlengas,
será melhor não irem nesses botes
que naufragam á vista das Berlengas.*

*Ólho, e força;—diziam os antigos.
Quem se entrega a uma Causa, adora-a e serve-a.
Em Portugal acham-se sempre Amigos;
—e antes os de Peniche que os da Servia*

TAÇO

o momento teatral

Francisco Lage—Auctor actor

Estreou-se uo Politeama como actor o auctor dramatico Francisco Lage.

Poucas pessoas poderão prestar ao teatro português serviços como os que este artista pode, pelas suas excepcionaes faculdades, vir aprestar-lhe. Tendo uma cultura invulgar em actores, possuindo voz, figura, graça natural, «charme» no seu trato, naturalidade na dicção e inteligencia nas inflexões —juntando ainda a particularidade excepcional de saber escrever para si proprio, Lage pode vir a ser um grande director de teatro.

Os seus metodos de trabalho, lentos e sistematicos, não excluem a energia e a actividade, precisas em absoluto, a quem dirige um conjunto scenico.

Não sendo um irascivel nem um apressado, parece-nos, por isso mesmo, dada a escassez de elementos directivos no nosso meio, que Francisco Lage se deve aproveitar.

Alem de todas estas qualidades Francisco Lage tem uma, e rarissima, e extraordinaria: E' um homem de bom gosto—e é de bom gosto a maior de todas as crises no teatro, como em quasi todas as actividades portuguêsas.

A PROPOSITO
DE COMPANHIAS ESTRANGEIRAS

Do admiravel livro da grande escritora Luzia «Cartas duma Vagabunda» agora posto á venda, onde a auctora se firma a nossa mais forte prosadora contemporânea e onde ha paginas duma ironia á Eça, extraimos estas curiosas passagens duma carta sobre companhias estrangeiras:

...quasi não consegui ouvir a «Insoumise» porque na frisa á minha direita, a tua amiga S. e a tua amiga M. não cessaram de consultar-se mutuamente sobre as resoluções a tomar, se: «aquilo fosse com elas...».

E não fui mais feliz na noite do «Scandale», porque, na frisa á minha esquerda, a tua amiga S. e a tua amiga C. discutiram com egual calor. S. achando sublime o perdão do marido:—Marido assim até merece que uma pessoa nunca mais o engane!—C. não podendo suportar tamanha bacoquice—Marido assim estava mesmo a pedir para ser enganado até á consumação dos factos!

Pierat, um pouco menos magra do que Sergine ainda está a cem léguas do gosto nacional. Fálta-lhe muito para poder considerar-se o que por cá se chama uma bôa mulher.

...Não houve pessôa que não reparasse que Monna Vana levara aos hombros a mesma *étole* de arminhos, usada por *Grâce*, pela Amoureuse e até pela Princeza Georges...

E se a coisas ficaram por ali, a culpa não foi dela, mas do gentil cavaleiro, teimoso na opinião, aliás certamente errada, de que M. Sorel, só... da arena para o camarote e vista sem binóculo.

Mademoiselle Sorel teve uma birra... é da idade. Não quiz ir á *garden party* do Sr. S. B. Não tinha quem a acompanhasse. Esquecera que Cécile, na sua qualidade de menina solteira, não frequentava *garden parties* sem um *chaperon!*...

Mademoiselle Sorel, num esquecimento bem desculpavel da inviolabilidade das algibeiras alheias, sacou da do sr. C. A uma carteira de oiro e atirou-a á cabeça dum *diestro*, com um —oh! le chic type!

á sucapa...

Outro sucesso no Gymnasio

(Desenho inédito de Botelho)

O notavel actor comico Silvestre Alegrim que no «Az» tem uma magistral creação, tendo obtido a peça com esta «reprise» um grande exito de conjunto. Palmira Bastos no «Chlorynetto» tem mais uma victoria completa.

Uma Festa no Politeama

O estimado Camaroteiro deste teatro sr. Bernardino Soares realisa ali a sua festa no proximo dia 17, em que o teatro será pequeno para conter os seus muitos amigos. A peça será das melhores do reportorio.

A revista de Teatro

Com a engraçadissima peça de André Brun —A «Maluquinha de Arroios» saiu mais um numero do brilhante magazine, unico no seu genero, e que mantem os seus creditos ha muito firmados.

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Roma gapaie».

Gymnasio — O «Az» com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. «Jim» com Francisco Lage.

Nacional — Grande exito da peça «A Dança da meia noite», de Mére, tradução de José Sarmento.

Trindade — A grande Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «A Exilada».

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «O Martir do Calvario». Formidavel exito.

Coliseu — Grande sucesso do celebre artista Raymond.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

2.º PREMIO

A MEUDA

Pagina de dor, onde o seu autor nos mostra que existem sacrificios que poucos sonharão

CORÁLIA, enervada, já rouca da disputa feroz, conservando no olhar febril o brilho felino das grandes iras e das decisões irremediáveis, saíu do «Valmôr» num impeto. Cá fóra choviscava impertinentemente e as poças da calçada eram como espelhos polidos á luz baça do gaz. Viu um trem numa esquina próxima.

—«Rapaz . . . Estás livre?»

—«A's suas ordens, minha menina».

—«Bate depressa . . .»

—«Para onde?»

Corália teve uma hesitação.

—«Para a Estefania. Depois te direi a rua.»

A tipoia partiu. Corália ia um pouco ao acaso, ainda aturdida pela violencia da discussão, com as faces afogueadas pelas bofetadas que lhe atirara o Raul. Era demais! . . . Havia um ano que sofria aquele bruto e não estava disposta a continuar.

De resto, nada perdia com aquele rompimento: já não gostava d'êle. E, se de começo, o Raul algum dinheiro lhe dava para os seus gastos, quási meio ano tinha passado já, sem que visse uma única nota das suas mãos . . . Pronto! Decidia-se tudo naquela hora. Ia esconder-se uns dias em casa da Palmira e depois resolveria. Para o Raul é que não voltava.

Sentiu frio nos pés e reparou que a chuva entrava pela abertura do toldo da *vitória*. Enrodilhou-se no banco e ergueu um pouco a saia do vestidito azul de *pierrette*.

Aquele Carnaval de 1909 tinha sido bem triste para ela; perdera um brinco no baile da Trindade, quási não ganhára dinheiro e o Raul tinha-lhe batida trez vezes . . . O que iria agora ser op sua vida? Quando ia pensando assim, ouviu um tropear de cavalos á desfilada. Olhou pelo orificio do toldo e viu que era seguida por outro trem. Teve um presentimento . . . Era o Raul com certeza que a queria apanhar.

Febrilmente, procurou na algibeira umas moedas de prata e, estendendo-as ao cocheiro, gritou-lhe:

—«Vira á primeira rua e pára logo que virares . . . Depois, vae-te embora mas segue sempre em frente . . . Vem alguem a perseguir-me.»

O cocheiro assim fez e Corália, atirando-se do trem, correu ao longo do passeio. Finalmente! estava ali um portal aberto . . . Entrou e cerrou a porta. Com o coração aos saltos, sentiu o carro que a perseguia passar numa carreira louca. Respirou! Não a tinham visto . . . Extenuada pelas noites sem dormir e pela crise de nervos por que passára, abateu-se pesadamente num degrau da escada. Ofegava e cintou as fontes entre as mãos enclavinhadas, para concentrar ideias. Ao seu lado, pareceu-lhe ouvir remexer qualquer coisa. Ergueu-se, perguntando, gelada de pavor:

—«Quem está aí?»

Não obteve resposta e procurou encontrar com as mãos a causa do ruído. As pontas dos dedos tocaram num fardo de roupas. Apalpou: estava quente e qualquer coisa remexia . . . Ouviu uns vagidos abafados . . . Era uma creança! Tomou-a nos braços e entreabriu a porta para ver á luz do gaz. Era uma meúda de dois ou trez mezes, gorducha e côr de rosa. Pobre abandonada!

Um grito estridente escapou-lhe do peito...

Naquele instinto maternal, latente no íntimo de todas as mulheres, Corália aconchegou a creança ao seio e correu, como doida, pisando as poças, salpicando lama . . .

* * *

—«Mãesinha!»

—«O que é?» — preguntou Corália, abrindo os olhos vermelhos de sôno.

—«E' meio dia e ainda dormes . . .»

—«Deitei-me tarde, filha.»

—«Aonde estiveste?»

—«Num Club.»

—«E o que se faz nesses Clubs, onde tu perdes as noites?»

—«Dança-se . . .»

—«Porque me não levas lá?»

—«Deus te dê melhor sorte, Gracinda. Desde pequenina que te criei para seguires outro caminho diferente do meu.»

—«Mas se é mau porque é que tu lá vaes?»

—«Vou . . . porque preciso de te dar de comer, de vestir, de calçar. Para tu viveres . . . Para, assim como já fizeste dez anos, fazeres muitos mais, sempre de saude e sem nada te faltar.»

* * *

Gracinda, a meúda abandonada, florescia agora em graças e encantos próprios dos seus 16 anos. Nos olhos escuros faiscavam-lhe reflexos de sonhos misteriosos; no vermelho carnudo dos lábios afloravam promessas inconscientes de cálidos afagos; nas curvas elegantes do corpo preguiçavam sensualidades adormecidas e prontas a despertar ao primeiro afago. Quando passava na rua, dezenas de olhos se demoravam em tamanhas maravilhas, envolvendo-a numa atmosféra de desejos inconfessados. O sr. Tavares, dono da loja de ferragens da esquina, era um dos pretendentes mais atrevidos e inflamados.

Gracinda, sempre que passava, tinha de ouvir-lhe as frases apaixonadas, terminando invariavelmente com a promessa:—«Dava-te os vestidos, o dinheiro, as joias que tu quizesses . . .» Ela ria, ria muito das tolices do comerciante e seguia o seu caminho sem lhe dar atenção.

* * *

Havia trez mêses que Corália estava de cama, entre a vida e a morte. As poucas economias que existiam naquela casa tinham sido levadas em contas da farmácia; as joias haviam desaparecido no sorvedouro insaciavel da casa de penhores. O frio da miseria substituíra o tépido bem estar daquela casa quasi feliz. Depois de esgotados os recursos começára o fornecimento a credito na farmácia. A conta, porém, avolumara-se e o farmaceutico já tinha avisado que nada mais daria sem dinheiro. Apoz uma crise mais forte, que tornára indispensavel a presença do medico, este, depois de receitar, dissera a Gracinda:—«Só este calmante poderá dar á *sua mãe* uma noite tranquila . . . amanhã voltarei, e recorrerei então ás injecções que ai vão receitadas. São remedios caros mas os únicos que a poderão, talvez, salvar.»

Estas palavras soavam incessantemente aos ouvidos de Gracinda. Onde ir buscar o dinheiro indispensavel? Lançava, num desespero, o olhar pela casa quási nua de moveis e não sabia como resolver aquela situação. Dias antes, já se arrastára de joelhos, numa súplica, aos pés do farmaceutico, mas este fôra inexoravel... Quem a poderia socorrer? Numa revoada de esperança, veiu-lhe de repente á lembrança o dono da casa de ferragens . . . Talvez . . . Se lhe fosse pedir . . . Ele prometia-lhe sempre tantas coisas . . . Verdade seja que essas promessas eram feitas em troca de uma vergonha. Mas, Corália, a sua mãe adoptiva, não a tinha criado á custa de sacrificios identicos? Não era justo que ela, a meúda abandonada, a salvasse da morte, em troca da maior de todas as dôres e do mais sublime de todos os sacrificios? . . . Não vacilou. Ergueu-se e, tendo no olhar um brilho intenso de febre, saíu de casa, indo bater á porta do verdugo . . .

* * *

Era mais de meia noite quando Gracinda voltou a casa. Lia se-lhe no rosto um grande sofrimento e só nos olhos scintilava uma débil chama de alegria por ter conseguido dinheiro para os remedios, que apertava de encontro ao peito, e que iríam salvar a sua *mãesinha*. Para que ela não notasse, Gracinda alisou ao espelho a cabeleira desgrenhada, poz um pouco de pó de arroz no rosto decomposto e, sobraçando as drogas salvadoras, entrou, pé-ante-pé, no quarto da doente.

Um grito estridente escapou-lhe do peito e, deixando tombar tudo que levava nos braços, ficou muda de desgosto e hírta de pavor . . .

Tornando inutil a suprema grandeza do seu sacrificio, destruindo a obra de gratidão da pobre meúda, a Morte, brutalmente, durante a sua ausencia, cerrára para sempre os olhos de Corália . . .

E, no dia seguinte, o sol nasceu á mesma hora e a multidão, indiferente a todas as tragedias, voltou a acotevelar-se nas ruas, na febre de lutar, de viver . . .

ALVARO LEAL

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O terrivel ladrão e o cabo Simão

Deliciosa «charge» policial que «pode ter sido» realidade

1.º EPISÓDIO

QUEM se afoitasse áquela hora da noite pelas proximidades da taberna do «Coxo» nada notaria de anormal. O silencio era apenas cortado pela passagem d'algum vagabundo procurando um vão de escada onde pudesse pernoitar. No entanto havia-se intensificado a vigilancia policial, que, protegida pela completa escuridão, se conservava atenta e pronta a proceder ao primeiro sinal.

Mas igualmente protegidos pelas negras trevas, cosidos ás paredes, vultos prepassavam na direcção da célebre taberna sem que a policia sequer adivinhasse a sua passagem.

Se o negrume não fosse tão intenso, e o leitor pudesse acompanhar a este labirinto de vielas que caracterisa os bairros de miséria, decerto teria visto entrarem sucessivamente para a taberna do «Coxo» quatro individuos embuçados até ao nariz, apesar da calmaria da noite, que inspirariam pouca confiança á policia, dado o modo suspeito com que a tão adiantada hora da noite atravessavam aquelas imundas travessas.

2.º EPISODIO

—Bôa nos pregou esta noite o nosso Chefe Simão...

—Com as suas prosápias de detective, sempre á procura de investigações sensacionais, estou em dizer que desta vez lhe sucede o mesmo que das outras: Não investiga nada.

—Mas que demónio se lhe meteria na cabeça para nos fazer estar aqui vai em tres noites á procura não sei de quê?

—Se a obra é de agente habil, já tiveram tempo de...

—Quem está aí a conversar? Já lhes disse que quero o mais completo silencio e a máxima atenção. Parece-me que sinto aproximar gente.

Com a presença do Chefe Simão que com largos gestos procurava substituir a energia com que estas palavras deveriam ser pronunciadas, ficaram em meio as considerações dos guardas que olharam a um tempo para o ponto que o seu Chefe indicava. Efectivamente a poucos passos de distancia distinguia-se o vulto de alguem que menos cauteloso contra os olhares policiais do Chefe Simão, voltava a travessa em direcção da suspeita taberna.

—Agôra olho álerta! Que ninguem entre ou saia do «Coxo» sem ser visto. Se alguma distracção me prejudicar a diligencia fiquem sabendo que o castigo será rigoroso! Entre dentes Simão ainda resmungava: — Cambada de dorminhocos; não serve para nada esta gente. Não fora a minha astucia policial e eu queria ver onde iriam parar os serviços da policia.

3.º EPISÓDIO

A taberna do «Coxo» é uma locanda imunda correspondendo admiravelmente á estética do bairro. Mal iluminada, reduzido todo o seu mobiliário a umas toscas mesas de pinho, alguns mochos e bancos compridos onde o caruncho tem encontrado largo campo de operações, e finalisando a sua decoração por um balcão onde o sebo e as nodoas de vinho se confundiam numa perfeita camaradagem, eis, em rápidas pinceladas, o caracter do ambiente.

A uma das mesas quatro homens—que correspondem aos vultos que vimos passar na direcção da taberna—bebem e conversam tão animada como imperceptivelmente. E tão absorvidos se encontram no assunto da palestra

Vou eu!...

que não dão pela entrada do quinto personagem que se senta precisamente ao lado deles.

Era um rapaz de 22 anos, alto desempenado, denotando firmeza de pulso, agilidade e inteligencia viva, emfim um perfeito atleta de fita americana quem em nada deveria ficar atraz do celebre Eddie Polo.

—Um de vocês deve saltar o muro, introduzir-se no palacete e tratar do arranjinho, emquanto nós sondamos os arrabaldes. Falta apenas que resolvam qual de vocês é capaz de se desempenhar da missão com mais limpeza.

Todos ficaram exitantes.

—Então ninguem se resolve?

Novo silencio.

—Poltrões, cobardes. Tenho eu andado a perder o meu tempo com vocês, e, agora, que são precisos, teem medo!

—Vou eu!

Os quatro homens voltaram-se repentinamente para a mesa ao lado, fixando demoradamente aquele que assim se atrevera a escutar os seus planos.

—Quem és tu? inquiriu aquele que parecia o chefe.

—Chamo-me Alberto e se quizerem utilizar os meus serviços e pagarem bem, estou ás vossas ordens.

Depois do chefe ter feito um rápido exame ao fisico do valente rapaz, mandou-o aproximar dando-lhe mais algumas instruções e aos outros cumplices sobre a maneira como deveriam proceder. Ficou portanto assente que seria ele quem escalaria o palecete.

4.º EPISÓDIO

Cá fóra a vigilancia da policia havia redobrado. Não passou, pois, desapercebida o saida dos cinco meliantes da taberna do «Coxo».

Sempre seguidos da policia pararam por fim em frente dum luxuoso palacete duma das nossas Avenidas. Depois de se certificarem de que ninguem os incomodaria, Alberto galgou dum pulo o largo portão, emquanto os outros tomavam as suas posições.

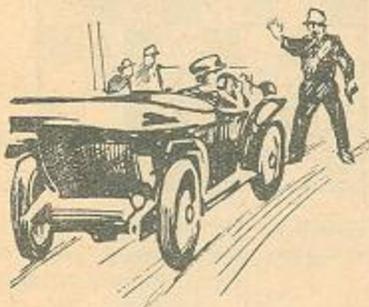
Mas lá estava o olhar arguto do Chefe Simão que de longe observava todos os manejos dos assaltantes.

Já no jardim, Alberto encaminhou-se para uma pequena porta que dava acesso ao interior da habitação. Sacando dum molho de chaves experimentou a fechadura e, feliz acaso! logo com a primeira conseguio abri-la. Depois de passar várias salas que atravessou como se fossem dele já sobejamente conhecidas dirigiu-se com todas as precauções a um enorme cofre, principal objectivo daquela «tournée» nocturna e onde, segundo corria, se encontrava uma riquissima colecção de diamantes de incalculável valor. Alberto quedou-se um momento no contemplação daquelas inexpugnáveis paredes de ferro, pensando talvez em como poderia forçá-las. As chaves que trazia não serviriam e para mais não sabia o segredo. Aproximou-se do cofre e experimentou o manípulo. Mas...

5.º EPISÓDIO

...o cofre estava aberto. Calcule-se a alegria que dele se haveria apoderado ao ver que sem algum esforço se desempenharia como ninguem da missão de que se havia incumbido. Correu rápidamente todo o cofre. Todos os objectos de maior valor passaram num momento para os seus bolsos. A célebre colecção de brilhantes é que ele não conseguira encontrar. Como se desculparia ao seu chefe? Não perdendo um momento e receando ser persentido transpoz dum salto a janela, correu á garage, poz o luxuoso torpedo em movimento abriu as portas de ferro mas ao atravessa-las...

6.º EPISÓDIO

...surpreza das suprezas! em vez

O chefe Simão!...

dos seus cumplices que já se haviam evadido, a fisionomia austera do Chefe Simão e seus acólitos.

Durante a condução do terrivel ladrão para o Governo Civil, Chefe Simão não conseguio disfarçar a alegria que lhe ia no intimo. Pensava já na glória que alcançaria. Os jornais referir-se iam em largas parangonas ao acontecimento sensacional dessa noite, dirigindo-lho os maiores elogios. S. Ex.as os Srs. Governador Civil e Comissario da Policia iriam apresentar-lhe pessoalmente os seus cumprimentos, e condecorá-lo-iam com a medalha de bons serviços. Passaria a ser o homem do dia e seria chamado sempre que houvesse alguma diligencia mais arriscada a levar a efeito. Considerava-se finalmente um heroi. E tudo devido á sua argucia e faro policial, qualidades estas que há muito se lhe haviam revelado, e que pela primeira vez seriam publicamente reconhecidas.

7.º EPISODIO

Gabinete do Comissario da Policia.

—Mas ha um lamentavel equivoco. Eu não sou nenhum ladrão.

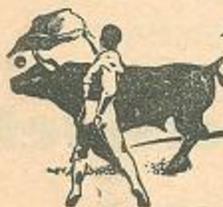
—?!

—Sou filho do banqueiro X... proprietario do palacete assaltado...

—??!!

—Tendo trabalhado até mais tarde no meu gabinete, resolvi visitar os bairros excentricos para distrair um pouco o meu cançado cerebro. Vesti um fato mais coçado para não ser reconhecido, puchei o chapeu para os olhos e logo por feliz casualidade fui parar á taberna do «Coxo», Quatro homens planeavam o assalto a minha casa? Lembrei-me então que havia deixado aberto por esquecimento o cofre onde guardava os valores. Por felicidade a valiosa colecção de brilhantes de meu pai havia sido guardada noutro ponto mais seguro, mas, em todo o caso, encontravam-se aí documentos importantissimos além duma avultada soma em dinheiro. Ofereci-me. pois, para ser eu quem escalasse o palacete. Aceitaram. Dirigimo-nos para lá. Saltei então o

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

CAMPO PEQUENO

PROTEGIDA pelo excelente dia de verdadeira Primavera, realizou-se no Domingo passado a inauguração da temporada tauromaquica de 1926, no Campo Pequeno, com uma concorrencia que quasi encheu a extensa lotação desta praça.

Na generalidade a corrida satisfez, tendo sido um dos seus principais e importantes factores o excelente curro do sr. Norberto Pedroso, bem como a diligencia que os bandarilheiros fizeram para obter a melhor classificação, pois que, tratando-se de um certamen de lidadores, nenhum dos concorrentes queria ficar á esquerda dos colegas.

No toureio a cavalo, executado por Simão da Veiga e Antonio Luiz Lopes, sobresaiu o segundo, que colocou toda a ferragem como manda as regras da arte de Marialva, e Simão da Veiga na segunda parte da corrida, conquistou fortes aplausos na lide do 6.º touro, a duo, com Antonio Luiz Lopes, tendo sido ambos chamados á arena e justamente felicitados.

Os bandarilheiros, colocaram bons pares de ferros, obtendo melhor classificação, Plas Flores, Julio Procopio e Ribeiro Tomé, não esquecendo uma boa «gaiola» e dois pares bons de Agostinho Coelho que nos quites esteve oportuno como sempre. Alfredo dos Santos que foi colhido por duas vezes, devido um tanto á sua imprevidencia, teve passes de muleta e capote que não desagradaram e Muñoz Crespo muito diligente, não esteve nas suas tardes felizes.

Antonio de Carvalho, que não estava incluido no concurso, cravou um excelente par no ultimo touro.

Os forcados pegaram valentemente todos os touros de pé, sendo as referidas pegas, de cara, executadas por Manoel Burrico, Carraça e Chico de Beja, e á volta por José Delgado e João Soeiro.

Ao iniciar a lide do 4.º touro, o cavaleiro Antonio Luiz Lopes ofereceu a sorte de «gaiola» ao sr. Ferreira de Amaral, comandante da policia, que assistia ao espectaculo no camarote da autoridade, sendo este senhor muito felicitado pela assistencia.

O juri que classificará qual o toureiro mais completo, é composto dos srs. Guilherme de Brito, pelos criticos; Manoel Rodrigues, pelos aficionados, e Mendes Leal, pelos toureiros, e só poderá apresentar o resultado do concurso, depois de terem dado provas os restantes bandarilheiros inscritos, que deverão entrar na proxima corrida no Campo Pequeno.

ZÉPÊDRO

* * *

No proximo Domingo, grandiosa corrida no Campo Pequeno, sendo oferecido a cada espectador um bilhete, para a novilhada que se realisa hoje em Algés.

SECÇÃO A CARGO DE JOSÉ DE OLIVEIRA COSME; **DR. FANTASMA**

Ilustres confrades

Em primeiro logar, cumpre-me, ao assumir a chefia desta secção, cumprimentar todos os directores de secções análogas e todos os colaboradores, em geral, esperando merecer de uns e de outros a valiosa cooperação que será indispensavel para o bom funcionamento das mós deste moinho.

Se, até aqui, a «farinha» produzida tem sido apreciada por todos os ilustres confrades, farei a deligencia por manter os créditos dos «moleiros» meus antecessôres e fornecer aos meus «clientes», produto de tão bôa, senão melhor qualidade do que, até aqui, tem sido fabricado.

Foi por intermedio do primeiro director desta secção, o meu velho amigo e conhecidissimo charadista (hoje, afastado destas lides, se bem que apaixonado èdipista, ainda), José Pedro do Carmo, «Zépêdro», que eu assumi o honroso e não menos espinhoso cargo de director desta secção. Vão para êle, tambem, as minhas saudações, expressando-lhe, aqui, todo o meu reconhecimento pela distinção com que me colocou perante os directores deste hebdomadario.

E' possivel que esta secção sofra algumas modificações que, estou certo, serão bem acolhidas por todos os actuais e futuros colaboradores do «Moinho». E... «Au revoir»...

DR. FANTASMA

QUADRO DE HONRA

EDIPO, ETIEL, CAMARÃO, JOFRALO, LHALHA, D. VASCO, BISTRONÇO, A. D. MEIRA, D. SIMPATICO, D. GALENO (todos da T. E.). P. J. M., MENINA XÓ, AULEDO.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 62

DEDICATORIAS:

CAMARÃO, mostrou ser bom boxeur...

DECIFRAÇÕES DO N.º 62

FURA-PAREDES.

CHARADAS EM VERSO

Zé Domingos anda, sempre,
A's piadas, em questão,
Com *sêr* Antonio Maria,
Colega de *oposição*.—2

Qual de baixo, qual de cima,
E num combate aguerrido,
Num dize tu, direi eu,
Ambos fazem *mau sentido*—3

O remedio radical,
E remedio não pequeno,
E' sêr aplicado, a ambos,
Um forte *contra-veneno*...

(?)

(*Ao ilustre charadista* Edipo)

6 Vi-a! Bela insinuante,
Lindos olhos tentadores;
A sua boca galante
Par'cia obra de esculptores.

Vi-a! Não estou sonhando,—
Juntinha a mim palpitante,
E a minha boca buscando
Beijava-ma a todo o instante.

Ainda ouço o ciciar—1
Dos seus beijos feiticeiros,
Bem *semelhante* ao trinar—4
Dos rouxinois prasenteiros.

Era elegante, amorosa,
Perfil esbelto e airoso:
Quasi infantil, graciosa,
Rosto magico, *formoso!*

Lisbôa — LORD DA NOZES (da T. E.)

LOGOGRIFO

3 Um garoto, marçano da tenda,
Donde gasto a papança diaria,
(Já não há quem, de amôr, não entenda!)
Quiz «armar» no D. Juan lá, da lenda,
E arranjou uma paixão... monetaria!...

Certo dia, saiu, mais a bela,
Com a *merenda*, debaixo do braço,—1—6.
E, contando, já, ter na esparrela,
Bem seguro, o dinheiro dela,
Julgou dado, o critico passo!...

Em Pedrouços, *ali*, á fresquinha,—4—2.
Onde estavam comendo, á vontade,—6—2
O «marau», sem perder, nunca, a linha,
Prometeu que a faria rainha
E... mais coisas! Inchou, de vaidade!...

A pequena, *que* o julga barão,—3—5
Já se vê de setins imperiais,
Quando grita, ao marmanjo, o patrão:
—«Oh, malandro! Vai, já, p'ra o balcão!...
Já! E limpa-me, bem, os metais!...»

Ambos mudam, depressa, de côr...
E o pateta, ao vêr findo o engano,
Diz:—«Cá cheiro» o teu lenço, oh amôr!...»
Responde ela, estoirando furôr:
—«Qual *caixeiro!* Seu rêles marçano!...

Lisbôa — BIS-CONDES

CHARADAS EM FRASE

4 Com estra *letra*, forma-se um *apelido* e um *fruto*—1—2

GENITO

CORREIO

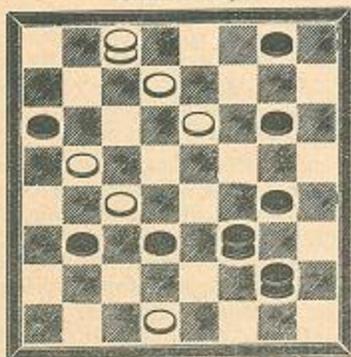
D. GALENO.—E' a mesma coisa... Está em bôas mãos. Recebi, agradeço e... espero mais.

DR. FANTASMA

Solução do problema n.º 63

	Brancas	Pretas
1	22-26	31-22
2	29-18-11	2-16-26
3	3-8	12-3 (D)
4	9-14	3-17
5	13-22-31	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 64

Pretas 2 D e 6 p.

Brancas 1 D 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 62 a sr.ª D. Emilia de Sousa Ferreira, e os srs.: Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), José Brandão, José Magno (Algés), Mexedo & C.ª, Nenlame (Figueira da Foz), Ruy Freiria, Sueiro da Silveira, Um oficial (Foz do Douro), e Vicente Mendonça.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo snr. Artur Santos.

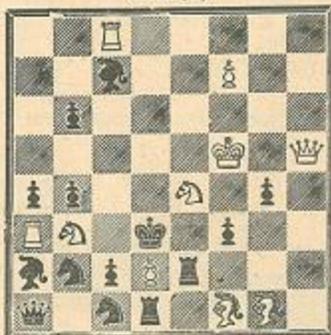
—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 64

Pelo Barão F. Wardener

Pretas (14)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 62

B 1 B D

Resolveram os srs. Nunes Cardoso, Sueiro da Silveira, Grupo Albicastrense, Vicente Mendonça, e Marques de Barros.

Agradecemos ao sr. Marques de Barros as felicitações que nos enviou.

Varia

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

LINO ELECTRICO. — Temperamento impulsivo e muito apaixonado, um tanto romantico e sonhador, amante do fado, ordenado, suave, um pouco timido, bondoso e... victima dos amigos.

XOSTMAN.—Não serve papel pautado; escreva outra vez.

MISS BIJOU. — Boa imaginação, intuitiva, inteligente e de conversação agradavel, generosidade pródiga, um tanto fantasista, apaixona-se facilmente por tudo, sentimento de poesia... em prosa idealista, habilidade manual, bom gosto artistico, lealdade, mundanismo, amor aos livros.

MASATO. —Espirito dominador, nervoso, impulsivo e energico, rajadas de mau caracter, activo, inteligente e muito gastador, ambicioso, ironico, muito sensual, valente, boa memoria, ordem desordenada, isto é, que arruma um objecto e perde dois ou esquece três.

LAURA.—Espirito subtil e boa imaginação, inteligencia assimilavel, força de vontade, embora tenha rajadas de impaciencia, bom gosto estetico, generosidade bem entendida, orgulho intimo e alto conceito de si propria, boa diplomata quando quere, reservada, habilidade manual, ordem e aceio.

UM SCEPTICO.—Boa mas lenta inteligencia, nervoso em extremo, desconfiado, com muito bom gosto e habilidade para tudo, orgulho sem vaidade, por vezes rajadas de pessismo, impulsivo, generoso, boa memoria, espirito vivo que se fatiga depressa, lealdade mas diplomata, principio de doença nervosa.?

GUITA. — Força de vontade teimosa, bom gosto, trato afavel, mundanismo, graça naturalissima, espirito religiuso sem exagero, caracter aberto, leal e generoso, ordem, amor á estetica e á simetria, boa memoria para tudo, amor aos livros, espirito pratico sem economia.

O PAI DO SERGIO.—Força de vontade quando é preciso, apesar de não ter um rijo caracter, antes pelo contrario, suave e meigo, muita dedicação aos seus, nenhuma vaidade; amor ao trabalho, sentimento de poesia, ordem, má memoria para objectos, leal, constante, amor á verdade.

TENISTOCLES.—Não servem versos, escreva outra vez (não é preciso dinheiro).

FAISCA.—Idem.

TRIPEIRO DA COSTA.—Caracter impulsivo, discutidor, inteligente, intuitivo, sentimento de poesia, energico e um tanto autoritario, original no trato, generosidades intermitentes, orgulho e dignidade de si proprio, leal com os amigos, sensualidade forte.

ORAVLA.—Inteligencia muito intuitiva, força de vontade impaciente, generosidade e má administração, energia fisica, boa memoria, sensualidade cerebral, bom gosto para todo, amor aos livos, desordem, orgulho intimo, muitos nervos.

MAD MAC.—Força de vontade, caracter impulsivo, boa e cultivada inteligencia, originalidade, amor aos livros e ás artes, grande orgulho, mundanismo, ambicioso, espera tudo do Proprio esforço, ordem, temperamento apaixonado e sensualmente cerebral.

ARDINA.—Mais que voluntariosa, caprichosa e, com os nervos todos á solta quando a contrariam, espirito aberto a todas as sensações, inteligente, bondosa, grande imaginação e um pouca vaidade para ser mulher, idealista sonhadora, e no emtanto possue um espirito analitico e uma logica aplastante; paradoxo, mas encontro duas coisas em si: é pouco reservada e pouco pratica.

GUERREIRO.—Caracter um tanto diplomata, nervoso em extremo, impaciente e optimista, espirito religioso sem exagero, energia moral, generosidade muito bem entendida! Ordem, mundanismo, ideias proprias e nada mudaveis.

POBRE ZÉ.—Boa e cultivada inteligencia, espirito analitico, ideias elevadas e sem vaidade nenhuma, prudencia, geito para mandar, ordem nos objectos e nas ideias, memoria que já foi melhor, bom gosto, um tanto pratico e desconfiado, tem por vezes grandes ataques de pessimismo, generosidade bem entendida.

JORGE VALNEGRO.—Temperamento excessivamente nervoso, inteligente, ataques de pessimismo agudo, memoria excelente, pouco meigo mas bom no fundo, é ironico e maldizente mais por fazer espirito que por outra coisa, amor aos livros, generoso, leal com os amigos, mas não esquece facilmente o mal que lhe fazem.

RAIDES ETOILES.—Força de vontade em rajadas..., inteligencia aguda, extraordinariamente retentiva e creadora, original no trato, e em tudo, curioso e despreocupado, de ideias proprias, verdadeiros ataques de irascibilidade que passam rapidamente, amante da leitura, forte sensualidade, horror ás matematicas administrativas, sabendo muito bem matematica, amor ás belas artes, generosidades intermitentes, nervos indomaveis; e á ultima pregunta, com toda a franqueza dir-le-hei que não o julgo o que pregunta mas... não estranharia que acabasse em tal. Engenheiro? Gostaria de saber.

ELA (Porto).—Força de vontade teimosa, ciumenta e caprichosa, um tanto creança, bom gosto, espirito religioso, curiosidade, generosidade, inteligencia intuitiva mais que cultivada, pouca vaidade e imaginação.

ELE (Porto).—Energia, optimismo, imaginação, temperamento apaixonado e impulsivo, generosidade, boa disposição de animo, vaidade intima, graça e espirito a conversar, um tanto desconfiado, leal, trabalhador. Á pregunta: Eu não adivinho, a minha sciencia se reduz a deduzir só... parece-me, dado o temperamento do senhor, que se interessa muito por essa pessoa, e creio que faz bem, mas não trate de a corrigir, as mulheres são adoraveis com os seus defeitos; no dia que saibam deduzir, analisar e não ter ciumes (mesmo sem fundamento), talvez não gostasse dela, creia.

A. RAPASOLA.—Inteligencia pouco cultivada, um tanto energica e teimosa, desconfiada, autoritaria, pouco vaidosa ironi... ...cochinho interesseira, domina-se bem, apesar de ter muitos nervos, boa imaginação e amante de trabalhar, ordem e asseio.

PITAGORAS.—Inteligente, nervoso, egoista em certas coisas e desinteressado nas outras, idealista, temperamento suave e muito sensual, imaginação um tanto sonhadora, sentimento de poesia, intuição, preguiçosa, generosidades prodigas.

RADEK.—Temperamento impulsivo e energico, boa memoria e boa inteligencia muito clara e muito assimilavel, bom gosto, amor á estetica, habitos de trabalho, generosidade bem entendida, dá como deve e a quem deve dar, por vezes pessimista mas reage logo, pouca vaidade e muito orgulho e dignidade de si proprio, gosta de falar mas não de discutir, pratico sem ser economico amante dos livros, é ambicioso, mas quasi que tem medo de o confessar a si proprio.

MARQUEZ DE BOAVENTURA. — A primeira carta por mim recebida e com a data de 20 de Março de 1926 portanto entra agora no seu turno, responderei a seu tempo.

DROPE II E ZIOFORNE.—Idem data de 3-3-926.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.
RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Palavras Cruzadas

o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

QUADRO DE DECIFRADORES

AULEDO, E DE PINHO, HOFESINHO, JOFRALINHO, LIMA CHARADAS, MENINA XO, N.º 2, MARIO FREIRIA, DOMINGOS TAVARES CRUZ, SANCHO PANCHA, MEMÉ, TOTÓ E JULECO, DOIS PRINCIPIANTES, MARIO NUNES DOS SANTOS KURITSA, OS GRIGORIOS LARICAS.

Campeões do n.º 63

HORIZONTALMENTE:—1—Fêmea, 3—Indigena sul-africano, 7—Levantar, 13—Pedra calcarea, argilosa e ferruginosa, 25—Capital da

Suécia, 37—Equitadores, 38—Esfera, 39—Frital (ovos), 40—Cónfeciona, 41—Maquina de Tecelagem, 42—Tritura, 43—Letras de «Reparar», 44—Nome de mulher, 45—Elemento em Francês, 46—Limpa, 47—Preposição e artigo, 48—Porca, 49—Anagrama de «Si», 50—Arrelia, 51—Negação, 52—Um (Fr.), 53—Duas letras de «Boa», 54—Casa (fig.), 55—Ilheu do Mar Egeu, 56 — Afan, 57—Alto!, 58—Andar, 59—Viu (Pleb), 60—Artigo (pl.), 61—Adular, 62—Alegria, 63—Nome de um sacerdote arabe, 64—Especie de planta, 65—Pronome indefinido (lat.) 66—Açular um cão, 67—Não (plb.), 68—Parvo, 69—Sentimento (pl.), 70—Habitação, 71—Apelido.

VERTICALMENTE—1—Orla da estrada, 2—Torna grande, 3—Balandrau, 4—Operarios ceramicos, 5—Vogal dobrada, 6—Pequeno curso de agua (diuo), 7—Nome de mulher, 8—Arreliarás, 9—Preposição, 10—Muito mau, 11—Lista, 12—Grito de chamamento, 13—Ligado, 14—Estampilhados, 15—Reza, 16—Escabrosos, 17—Tres vogais, 18—Compartimento, 19—Cavaleiro malabar, 20—Artigo e preposição (Pl.), 21—Anagrama duma nota de musica, 22—Rabisco, 23—Aplana, 24—Que tem ostras (pl.) 25 — Debruadas, 26—Planta medicinal, 27—Verdadeiros, 28—Rijas, 29—Assôpro, 30—Caminhar, 31—Nascidos, 32—Caminhava, 33—Vaga, 34—Especie de Indios, 35—Nota de musica, 36—Nota de musica.

SOLUÇÃO DO NUMERO 64:—HORISONTAIS.—1—Malvaisco, 2—Advertiam, 3—Eneo, 4—Amuo, 5—Rea, 6—I. L. M., 7—Imperante, 8—Concordat, 9—Ordenação, 10—Mal, 11—Ido, 12—Roe.

VERTICAIS.—1—Mangericão, 12—Ad, 14—L. V., 15—Velho, 16—Ar, 17—Irera, 18—Si, 19—Cá, 20—Ombrometro, 21—Neno, 22—E. A. P. N., 23—MIND, 24—Ultra, 25—E. C., 26—Ro, 27—Ar, 28—Emir 29—Nado, 30—Aloe.

O problema hoje publicado é da autoria do sr. Mario Freiria.

O terrivel ladrão e o chefe Simão

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

muro do jardim e entrei em casa com todas as precauções para não assustar meu pai. Tirei do cofre os valores mais importantes e quando me dispunha a fugir, no automovel, das mãos dos meus «cumplices»... caí nas garras do Chefe Simão. Aqui teem. O terrivel ladrão sou eu!

CONCLUSÃO

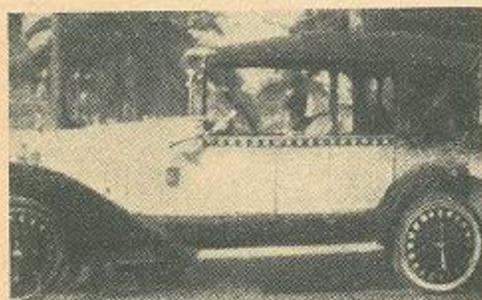
Ao ouvir esta confissão, Chefe Simão suava em bica. Escusado será dizer que ainda desta vez o argúto detective não conseguio alcançar a almejada glória policial. Nem honras, nem homenagens. Continuou a ser o obscuro Chefe Simão.

Reporter X. P. T. O.

Actualidades gráficas

A SEMANA SANTA EM SEVILHA

Um curioso grupo de figurantes da procissão

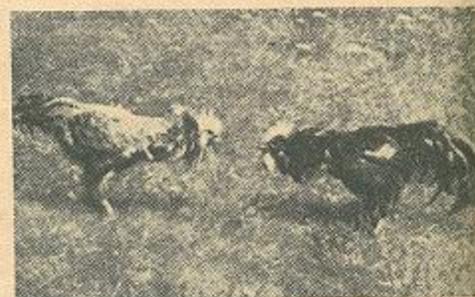
AUTO-TAXI ROLETA DE MONTEVIDEU

Se quando pára, a agulha do eixo trazeiro acerta em determinados pontos da numeração circular da roda, o freguez não paga nada...

A Semana Santa em Sevilha

Um aspecto da procissão—Os anjos

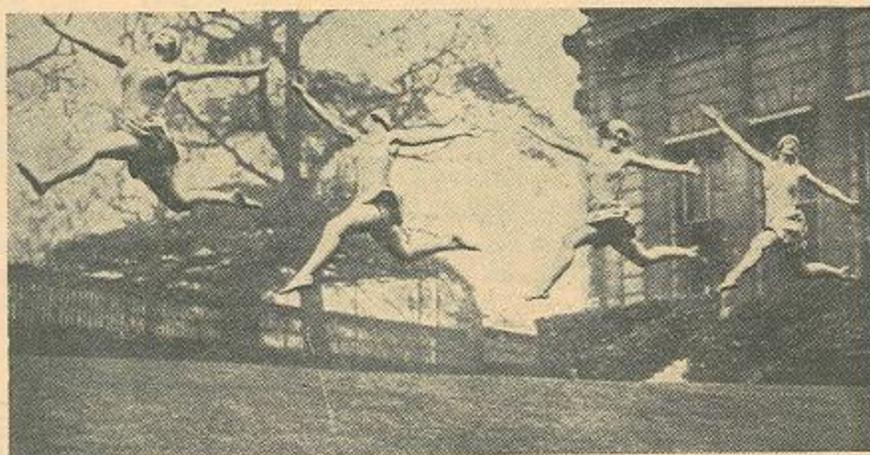
A SEMANA SANTA EM SEVILHA

Os «Nazarenos» precedendo o andor do Cristo Crucificado.

COMBATE DE GALOS

Dois grandes campeões ingleses frente a frente—O barbaro espectaculo do combate de galos continua em favor.

NA CALIFORNIA

Alanos duma escola, desenhando, com a multidão dos seus corpos figuras varias. Agora é a vez duma galinha formidavel.

NA ALEMANHA

Espectaculo ao ar livre num ateneu alemão. Ginastica ritmica feminina—lindas atitudes, saltos prodigiosos.

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

Joalharia do Carmo

JOIAS E PRATAS ARTISTICAS
PRESENTES
PARA
ANIVERSARIOS E CASAMENTOS

SEDE NO PORTO
RUA 31 DE JANEIRO, 53
Tele { gramas: AUREARTE / fone: 1100

FILIAL EM LISBOA
RUA DO CARMO, 87-B
Tele { gramas: AUREARTE / fone: N. 1360

Calçado "ELITE"

QUALIDADE SUPERIOR
COMODIDADE INEGUALÁVEL
DURABILIDADE INEXCEDÍVEL
ELEGANCIA SUPREMA
ACABAMENTO
ESMERADO

São os requisitos que o tornam recomendável e pelos quais tem conquistado a preferência do público.

VENDE-SE
NAS
PRINCIPAIS SAPATARIAS
DE LISBOA

UM LIVRO

A Historia de Gôa

Pelo Padre Gabriel de Saldanha

TODOS OS QUE DESCONHECEM E TODOS OS QUE CONHECEM A

India Portugueza

O DEVEM LÊR

1 grosso volume de 420 paginas **24$50**

Pedidos á casa Editora: LIVRARIA COELHO NOVA GOA

EM LISBOA: AILLAUD LIMITADA, 73 Rua Garrett

Companhia Nacional de Navegação

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental Portugueza, e a Africa Oriental Portugueza

Saídas de Lisboa em 1 de cada mez para os portos da Africa Ocidental e Oriental.

Saídas de Lisboa em 15 de cada mez, para todos os portos da Africa Ocidental.

Saídas extraordinarias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga, sempre que as circunstancias o exijam.

Frota da Companhia
Paquetes:

«Nyassa»	8965	Ton.	«Luabo»	1385	Ton.
«Angola»	8315	»	«Chinde»	1382	»
«Lourenço Marques»	6355	»	«Manica»	1116	»
«Moçambique»	5771	»	«Bolama»	985	»
«Africa»	5491	»	«Ibo»	884	»
«Pedro Gomes»	5471	»	«Ambriz»	858	»

N. B. — Os ultimos 6 vapores são empregados no serviço de cabotagem.

Vapores de Carga:

«Cubango»	8300	Ton.	«Cabo Verde»	6200	Ton.
«S. Thomé»	6350	»	«Congo»	5080	»

Rebocadores no Tejo:

«Tejo», «Douro» e «Cabinda»

Todos os vapores desta Companhia teem frigorificos, luz electrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando, aos Srs. Passageiros, viagens rapidas e comodas.

ESCRITORIOS DA COMPANHIA
LISBOA, Rua do Comercio, 85—PORTO, Rua da Nova Alfandega, 34
AGENTES NA EUROPA:—ANVERS, Eiffe & C.º, 10, Quai V. Dyck—HAMBURGO, E. Th. Lind, 39, Alsterdam, Europahaus—ROTERDAM, H. van Kricken & C.º, P. O. B. 653.
TELEFONES:—LISBOA, P. B. X., Central 2365 a Central 2370.

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.
177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEFONE 142 N.

Por 7$500
Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos
O CEGO DA BOA-VISTA de

O melhor vinho de meza é o
COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Uma brincadeira selvagem

Três militares atiraram á linha um revisor da C. P. que ficou muito ferido. Merecem castigo exemplar aqueles que envergando uma farda, a desrespeitaram, e provocaram, no exercicio do seu trabalho, o honesto ferro-viario.

VER DENTRO: Sensacional reportagem sobre a morte de MARIA ALVES
COMO ERAM AS JOIAS. CONVERSA SENSACIONAL COM